

# O CÃO MENTECAPTO



# O CÃO MENTECAPTO

otavio linhares

*edição revisada e ampliada*



*para malu*



*e você repara no que separa  
e começa a achar que  
é o que une*



## *o cão mentecapto*

meu corpo não serve. não serve para coisas que eu queria que servisse. não serve para certas idiossincrasias e isso me soa estranho. a palavra idiossincrasia. meu corpo é pra quase nada. meu corpo serve pra quase nada que me é necessário. meu corpo não é capaz de fazer aqueles movimentos elásticos de bailarina de coxas torneadas e canelas grossas difíceis de abarcar com uma mão. pelo contrário. meu corpo infelizmente não serve para bailarismos. acrobacias são para acróbatas. eu tão somente com dificuldade me equilibro numa corda esticada ao chão. e isso já é muito. meu corpo é uma rocha. ironicamente tenho estampada no peito uma camiseta que diz que sim! eu posso tudo! e eles me querem! e o dedo indicador em riste da figura com cara de chefinho cagando ordem me incomoda. ela também não serve pra nada. tiro a camiseta. não me serve mais. tiro a calça também. não serve. a cueca. as meias. os anéis. nada serve. é tudo decorativo. isso. agora vejo melhor pra que serve tudo isso. agora que não está mais nebuloso posso enxergar melhor. pra nada. serve absolutamente pra nada. tiro os olhos fora. eles não servem pra enxergar. são apenas dois sacos de guardar quinilharias. as mãos tateiam. começam pelos próprios pulsos. são finos e fracos e não suportam o peso das próprias mãos. e elas também não se suportam. dedos tortos machucados cheios de

cacoetes com cutículas de roer que só servem pra segurar as unhas. estão todos fora. e tem o pescoço flácido junto com o tubo esôfago que degradingola na goela. língua e boca não servem mais. têm uma voz velha e sem uso que vive rouca e inflamada. corto fora. os ombros magros levemente caídos dão um tom de cão mentecapto. talvez fique com eles. refletem algo de verdadeiro. o pescoço não. nem a cabeça. a cabeça não serve pra nada! é uma usina de produzir pensamentos e é torta demais. de parto feito a fórceps cheia de machucados e curvas. deve ser a causa das enxaquecas. mas isso não importa. tiro fora. do tronco não quero mais nada. ali dentro nada serve. tudo está desgastado. marcas de tiro chicote arame farpado. não serve mais. o tronco é a pior parte de todas. a mais difícil de sacar fora. guarda um coração cansado e velho mas acredito que depois da cabeça desencaixada tudo fica mais simples. fico com o cu e o pau. sim. o cu e o pau são importantes. as necessidades fisiológicas ainda são meus maiores prazeres. e tem também o sexo. sim. o sexo. reflexiono. o cu e o pau ficam. junto com os ombros. e por fim as pernas os joelhos os tornozelos e os pés. enfim. tudo lixo. todas as juntas e articulações abaixo da cintura sofrem de algum tipo de dor. de algum modo suportaram o peso do resto e estão flácidas e fracas e cheias de veias saltadas e pelancas e neuroses. agora não mais. arranco fora. pronto. satisfeito volto pra cama. deito. apago. a partir de agora serei apenas um cão mentecapto feito de cu e pau.

## *foie gras*

um homem me carrega no colo. tem o pior hálito do mundo. da sua boca sai o cheiro tóxico da fumaça branca que é igual ao da chaminé da fábrica que dá pra ver da janela do meu quarto. uma fumaça que vai se espalhando devagar no ar e formando nuvens. eu olho pra elas e vejo pássaros. elefantes. girafas. unicórnios. todos os bichos que aprendi a ver na tv e nos livros da escola. olho pro homem e penso. bafo de origamis. posso te contar um segredo? você não conta pra ninguém? tem uma esponja dentro da barriga desse homem. dá pra ver quando ele abre a boca. seu fígado é uma esponja. uma mulher do outro lado da sala ralha com o homem. bafo de onça. ela diz. pare de relinchar. ele retruca. só se for de onça que não come há dias meses anos e tem de suportar o corpo derretendo de dentro pra fora por causa de um tipo de fome que não mata. penso. o seu bafo é um corpo que derrete e putrefa pela boca. amarela os dentes. os dentes desse homem já foram corroídos pelo ácido da saliva cobreada que sobe do estômago. são frágeis e quebradiços os seus dentes. não os ossos. só os dentes. são as pontas dos icebergs. a parte mais gasta do corpo. as pedras que crescem pra fora do oceano. são o fim dos ossos e o começo da carcaça. sustentam tudo e não quebram nunca. esse homem parece ter os ossos feitos de ferro. feitos de aguentar e aguentar e aguentar. aguentar pra que as pernas não vacilem.

aguentar pra que não lhe chamem de frouxo. aguentar pra que? elas vacilam toda vez que ele entra em conflito com essa mulher. ele me olha. e lá do fundo opaco e frio dos seus olhos me pede para que suporte o peso do mundo. você vai ter de suportar o peso do mundo. é a sina da nossa família. meu pai suportou. eu suportei. e você deixará de herança para seus filhos. eu finjo que entendo e dou um sorriso. ele diz isso porque esqueceu de fechar os ouvidos quando disseram isso pra ele. isso aí de suportar o peso de não sei o que é uma grande besteira. só que aí ele passou a repetir isso como se fosse o seu mantra pessoal. todos os dias no café da manhã ele mira sua metralhadora de rancores na direção daquela mulher e eu fico ali de camarote vendo a sua boca nocautear seu estômago com potentes ferroadas envenenadas de saliva. agulhadas que entram fundo bem fundo no centro do seu fígado. tudo isso pra mostrar que é forte e que jamais cairá. é que ele gosta de repetir isso também. repara como as pessoas têm esse prazer mórbido e estranho de se ferirem para serem notadas. é desse lugar que vem esse cheiro ruim. mesmo assim seus olhos ainda brilham. brilham o horror da dor. são vidros em pedaços. estilhaços. uma vez eu vi na tv um homem dizer pra uma mulher que os olhos são sacos de guardar quinquilharias e que entram em curto circuito quando se fascinam. por isso ele tem as mãos fortes e os braços rijos e não faz nenhuma força pra me segurar acima do chão. ele é o gigante da cara deformada e eu sou o chefinho nanico sentado em suas costas. faz isso de um jeito tão fácil. isso de carregar coisas nas costas.

na outra mão ele segura um copo e dentro tem um líquido grosso e viscoso de cor marrom chocolate que eu olho e gosto e já quero. tento pegar. ele não deixa. gosto do cheiro. ele afasta minha mão. tento de novo. e também gosto do brilho do copo e desse chocalatinho aí dentro que parece nescau. tento pegar

mais uma vez e o homem põe o copo pra longe de mim. ele para e reflete um pouco. humpf... qual o problema? ele pensa. então me oferece o copinho na boca. me dá! pego. bebo um golão. é bom. doce. viscoso. arde um pouco a garganta. peço mais. me dá me dá! me dá mais! mais não! alguém grita do outro lado da sala. pare com isso! como essa pessoa sabe que ele está me dando o copo na boca? ela fica nos vigiando? viro a cabeça pra lá e levanto os olhos. ela me olha. sorri com malícia. sorrio também. só que meu sorriso é sádico. ela está lá longe do outro lado da sala e mesmo assim fica nos observando. insiste em conversar. que metida! converso com ela. agora fazemos parte um do outro. eu e ela. ela vem em minha direção. suas mãos agarram minha cabeça e ela me beija deixando um cheiro forte de cigarro no meu cabelo. fico tonto. todos gritam. gritam gritam gritam. ninguém se ouve. as pessoas não se ouvem. não gritem tanto! penso. eu tenho um amigo entre essas pessoas. cadê ele? olha lá ele. ele não me olha. ei amigo! ele tem uma mulher atrás dele que o empurra com os joelhos. a mulher é a dona da casa e ela grita também. é a que mais grita. ela grita lá da cozinha que ela é a dona da casa e balança os braços pra cima e pra baixo e a cabeça e de um lado pro outro e o seu corpo dança a dança das coisas que se movem sozinhas no ar e à sua volta todas as coisas dançam e voam da cozinha pra sala e de volta da sala pra cozinha e de volta tudo de novo várias vezes. a sala é toda ela um céu de vasos pratos e copos. pássaros voando pela janela. o homem que me carrega no colo me põe no chão e cochicha no ouvido de um outro homem que está à sua frente. portas batem abrindo e fechando. abrindo e fechando. abrindo e fechando. pessoas caminham pra fora da casa. pessoas dizem tchau. não gosto quando pessoas dizem tchau. a mulher diz que todos podem ficar se quiserem. tchau. diz isso com as mãos espalmadas pra frente segurando as outras pessoas pelos braços. tchau. e a

sua boca se mexe sozinha fazendo movimentos engraçados de abrir e fechar e morder e bater os dentes e cuspir bolinhas de saliva. tchau. imito as mãos e a boca. é mesmo um movimento muito engraçado. tchau. a mandíbula precisa ficar dura pra fazer aquilo que ela faz com o queixo e os dedos enrijecidos se curvam feito patas de galinha e aquele monte de palavras saindo da boca dela no volume máximo é a música da nossa dança. é igual ao barulho das coisas caindo no chão. tchau. ficamos ali por alguns segundos dançando no meio da sala. tchau. no meio de toda essa gritaria uma mulher de vestido amarelo com flores vermelhas que segura um copo e um homem de calça marrom e cigarro na mão sentam novamente. são os únicos que não vão embora. o resto das pessoas sai pela porta e o silêncio volta a tomar conta do ambiente. tchau. não quero mais ficar aqui. caminho até o quarto. lá pra dentro procurando os outros que sumiram no meio da confusão. ando pelo corredor escuro devagar passando por todos os quartos. tem um brilho que sai de uma porta lá no final. é o quarto do meu amigo. vou até lá. estão todos jogando videogame. todos não. dois jogam enquanto os outros apenas observam. não tenho um videogame. olho pra trás procurando o homem que me carregava no colo e a porta do corredor se fecha.

## *a escola*

minha mãe é uma leitora ávida. me alfabetizou em casa. tinha uns livros lá que meu pai vendia e ela lia eles sem parar. meu pai era um orgulhoso vendedor de livros. sou o maior vendedor de livros que este país já viu. ele grasna. os livros que te tiram de casa por semanas e o devolvem só escombros. ela relincha. minha mãe me ensinou a ler e a escrever em cadernos de capas duras e vermelhas que ela guarda até hoje. ela diz que guarda. cadernos cheios de sequências de números que ela se orgulha de mostrar pras outras pessoas. ele tem só cinco anos. não é lindo? ela diz. eu que fiz. ela se gaba. isso foi antes de eu ingressar na escola regular. não sei porque mas naquele dia meu pai estava em casa. não sei porque mas minha irmã estava na barriga da minha mãe. e minha mãe sempre nervosa. e eu um relógio. acordar. banho. uniforme. café. ficar acordado. se equilibrar em pé. e de repente estamos no fusca. gosto do fusca. o fusca branco de passear no colo do meu pai quando ele está em casa aos domingos. e o cheiro de couro e terra e orvalho. adoro o cheiro de terra que sobe dos bancos do fusca branco. você vai pra escola. lá é um lugar bom. você vai gostar. ela diz. ele diz. todos dizem. eles concordaram em alguma coisa? chegamos no colégio. as primeiras vezes são sempre assim? oi. oi. oi. a sala de aula é por ali. vem comigo. um homem me pega pelas mãos e me

leva. adeus mãe. adeus pai. ele não me larga. esta é sua carteira. me larga! estes são seus amigos. não! não são! cuspo na perna do homem. mordo a mão da mulher. depois vou descobrir que o homem é o tio da cantina e que ter cuspidido na perna dele foi uma péssima ideia. e vou descobrir que a mulher é a professora e ter mordido a mão dela também foi uma péssima ideia. o homem volta comigo amarrado em seus braços pra sala onde meus pais conversam com uma mulher mais velha de cabelos curtos e brancos meio roxos que depois vou descobrir que é a diretora da escola e como fui legal com ela isso vai fazer com que ela seja legal comigo. é a matemática da vida. o homem me empurra. todos me olham. a primeira vez é sempre assim. diz a velha. no segundo dia tudo de novo. sem cuspe. sem mordida. passamos a manhã inteira sentados olhando a professora falar e falar e falar e a boca dela se mexendo igual a boca do desenho animado da tv. e aí toca um alarme. é o recreio e vocês só saem depois de comer todo o lanche que a mãe de vocês mandou. ela diz meio braba. acho que ela não gosta do que faz. todo mundo come rápido e vaza. eu fico lá todo engasgado com a pilha de sanduíches de bolacha água e sal com margarina que minha mãe colocou na minha mochila e que eu vou levar horas pra comer e não vou poder ir brincar. de que vale ir pra escola encontrar todo mundo se não posso brincar? como só um sanduíche de bolacha e jogo o resto no lixo. fico olhando o lixo e o lixo olhando pra mim. as bolachas por cima me explicando que se elas ficarem ali eu serei descoberto e vou entrar para o livro dos recordes da escola. se foder duas vezes em dois dias. é verdade. obrigado bolachas. enrolo tudo bem enroladinho nos papéis que estão no lixo e enfio por debaixo das outras coisas. perfeito! penso. escondo a comida e saio correndo. ainda dá tempo de brincar um pouco. tão pouco que dá raiva e cuspo em alguém de novo. a professora me pega pelos braços e vai pra sala da mulher mais velha de cabelo roxo e

meus pais estão lá de novo. vai ser assim todos os dias? quando eu vou poder me divertir nesse lugar? a professora vem dizendo blá blá blá ler e escrever blá blá blá segundo ano. pular um ano? não fazer a primeira série? ir direto pra segunda? é isso que eu tô ouvindo? que massa! será? minha mãe diz. lógico! diz meu pai já pensando em economizar uns dinheiros por causa de um ano a menos na escola mais os cadernos e os livros e o uniforme a comida luz água telefone cerveja boteco. pra mim ótimo! ele diz. ótimo! eu repito. um ano a menos na punhetação da escola. um ano a menos botando uniforme todo dia de manhã. um ano a menos de tempo perdido com coisas que vão dizer respeito a coisas que não me dizem respeito. um ano a menos de escola vai dar pra viver um ano a mais. não consigo parar de pensar nisso. um ano a menos pra ficar grande. um ano a menos pra ser homem. um ano a menos pra fazer o que quiser da vida. um ano a menos eu cresço bem mais rápido. um ano a menos. sim. é isso. um ano a menos. comemoro. a verdade é que as coisas não serão assim. depois desse um ano a menos me tornei o aluno mais novo de todas as séries até entrar na faculdade. sempre o mais novo. o mais baixinho. o primeiro da fila. o mais estufado. o mais zoadado. o mais isso. o mais aquilo. só cagaram na minha cabeça. nunca tive uma namorada no colégio. elas sempre foram mais velhas do que eu.